
LINDHOLM, Charles. *Culture and authenticity*. Oxford: Blackwell, 2008. 176 p.

Patrice Schuch

Universidade de Brasília – Brasil

Culture and Authenticity é o sexto livro de Charles Lindholm, antropólogo e professor da Universidade de Boston, nos Estados Unidos. Tendo escrito sobre temas tão variados como a cultura americana e a identidade islâmica no Oriente Médio, o fio condutor de suas obras é o desejo pela compreensão da construção social dos sentimentos e sua interseção nas mobilizações identitárias. Ao mesmo tempo, a produção de uma antropologia comparativa e histórica, configurada no entrecruzamento com o campo do que os norte-americanos chamam de “antropologia psicológica”, dá o tom das suas obras. No Brasil, seu único livro traduzido intitula-se *Carisma – Êxtase e Perda de Identidade na Veneração ao Líder* (Lindholm, 1993). Nele, o público brasileiro tem acesso às suas análises sobre carisma e o estudo de caso das qualidades excepcionais de líderes, tais como Hitler, Charles Manson e Jim Jones, em produzir vinculações emocionais e converter adeptos para suas seitas e movimentos político-religiosos.

A temática da construção de pertencimentos e identidades sociais aparece também no âmago do livro *Culture and Authenticity*, constituindo a chave interpretativa para a compreensão da importância que a autenticidade assume na modernidade, ao ensinar a produção de inúmeras mercadorias e valores, como comidas, músicas, danças, artes, turismo e culturas autênticas. O autor inclui nesse novo fetiche moderno os clamores nazistas por limpeza étnica e pureza racial e a atual mobilização social em torno da descoberta das nossas verdadeiras raízes genéticas que, não obstante, assim como os demais elementos, são trabalhados pela criação de sentidos culturais na direção de evocar pertencimentos e reposicionar indivíduos e grupos no âmbito das relações sociais. Embora Lindholm não use o referencial de Bourdieu (1989) para refletir sobre o assunto, a partir de seus dados fica clara a possibilidade de definir a autenticidade como um “capital simbólico” importante, na medida em que se constitui em elemento articulador de uma intensa produção de símbolos, práticas e representações sobre a genealogia, a identidade e a verdade de pessoas e grupos na modernidade. Isto é tão ou mais importante para o caso das auten-

tidades “fabricadas” ou “inventadas” que, na melhor tradição de Hobsbawm (1984), em que há processos sistemáticos de formalização e ritualização envolvidos, a rumba e o tango, como cita Lindholm, por exemplo, tomam valorização crescente como música oficial cubana no contexto pós-revolução ou como um autêntico produto argentino, respectivamente.

O livro começa com uma pequena introdução, na qual o autor interroga-se acerca da centralidade da autenticidade como um valor na vida contemporânea e da possibilidade de sua definição, traçando em seguida os caminhos de sua emergência e expansão. Tendo aparecido enquanto um valor relevante a partir do século XVI, o autor relaciona a emergência da autenticidade com o afrouxamento das relações face a face na sociedade feudal européia e o incremento da mobilidade de pessoas para fora de suas localidades. Neste ambiente dessacralizado, diz Lindholm, a integridade confiável de uma pessoa sincera compensaria a fragmentação de papéis sociais. Conjuga-se a isso a influência protestante, que engendrou um outro tipo de relação do sujeito consigo mesmo, no momento em que cada um passou a ser considerado responsável pela própria salvação, interrogando a si próprio acerca de sua verdade interior. À transformação social e religiosa, no entanto, Lindholm associa a influência do grande “inventor da autenticidade”, Jean Jacques Rousseau, cujas “confissões” inspiraram a constituição de um novo ideal, no qual a exploração da natureza essencial dos homens passou a ser tomada como um bem absoluto. Como diz o autor, Rousseau foi o mais ilustre divulgador de uma arraigada crença moderna: a de que a civilização reprime a expressão do autêntico *self*, deformando a natureza humana. Foi também Rousseau quem expressou a noção de que alguns remanescentes da humanidade autêntica poderiam ser encontrados em culturas mais simples, configurando, assim, a teoria do “bom selvagem”.

Avançando no desenvolvimento do estudo sobre a autenticidade, Lindholm aproxima esse valor com o que chama de seus “primos”: sinceridade, essência, naturalidade, originalidade e verdade. No entanto, chama a atenção para o fato de que a autenticidade enquanto valor configura-se a partir de clamores mais espirituais do que os presentes nos “valores primos”, havendo dois modos ou formas de caracterização de qualquer entidade como autêntica: modos genealógicos ou históricos (origem) e modos de identidade ou correspondência (conteúdo). Insistindo no argumento de que é preciso investigar melhor a sede por autenticidade no mundo moderno, sua variedade de formas, modos de ocorrência, práticas concretas, raízes e conseqüências para a vida social, o autor abre um espaço interrogativo para justificar seu próprio interesse, passando em

seguida – no que se detém ao longo da maior parte do livro – a estudar as maneiras de expressão e construção da autenticidade em práticas na vida contemporânea. Diferencia-se, nesse sentido, das ênfases genealógicas de investigação sobre o assunto, esboçadas pelo filósofo Charles Taylor (1997), citado no livro, mas sem nenhuma relação visivelmente constituída com sua obra. Essa ausência é significativa, uma vez que este autor tem uma reflexão considerável da relação entre o *self* e a moral, tomando a autenticidade como um ideal moral particular, que pode ser definido pelo valor de ser fiel a si mesmo.

Embora Taylor (1997) tenha privilegiado a discussão da autenticidade enquanto um ideal moral e Lindholm singularize seu trabalho pelo estudo comparado de casos retirados de diversos contextos e períodos históricos em que a autenticidade enseja práticas diversas, ambos os autores preocupam-se em destacar a importância da autenticidade para a compreensão da cultura moderna. Como antropólogo, Lindholm configura sua contribuição a partir de duas perspectivas: nos cinco primeiros capítulos, investiga a busca por autenticidade pessoal através da arte, performance musical, turismo, consumo e autoconhecimento; nos outros cinco capítulos, explora formas coletivas de autenticidade, isto é, a construção da identidade de certos grupos através de comidas e danças, formas de nacionalismo e a identidade de minorias.

No que se refere à busca pessoal por autenticidade, destacam-se as diversas possibilidades de criar experiências subjetivo-emocionais para firmar conexões identitárias ou mesmo produzir empreendimentos de descoberta de si. As viagens para lugares exóticos ou vistos como “intocáveis” pelo progresso são modos trazidos pelo autor para ilustrar esta tendência. Ultrapassando as dificuldades desse tipo de viagem, turistas poderiam deixar para trás seus medos e fraquezas. Enriquecendo-se a partir do contato com os “bons selvagens”, esses viajantes poderiam experimentar suas verdadeiras essências interiores. Lindholm insiste: mesmo que tais experiências sejam comercializadas e construídas artificialmente, como acontece com os parques temáticos históricos ou culturais, o que interessa é o ideal de autenticidade que as pessoas têm na imaginação. Isto é, a força que a possibilidade de experimentação de uma herança histórica percebida como autêntica e genuína tem, na formação de um presente sólido e confiável.

A experiência emotiva também está no centro do crescimento do interesse dos livros de auto-ajuda na sociedade norte-americana, na medida em que prometem não apenas a consecução de fins específicos, mas a conexão do leitor com seu autêntico *self*. O mesmo acontece com o crescimento das religi-

ões carismáticas de êxtase e com terapias de diversos tipos, as quais constroem a verdade da emoção intensa como caminho para o encontro do puro e genuíno. Tais valores podem ser acionados na criação de identidades coletivas e formas de nacionalismo, alvo da segunda parte do livro. Nela, Lindholm trabalha em mais detalhe a produção de identidades nacionais pela invenção ou descoberta de culinárias e danças autênticas – como a massa italiana e o me rengue na República Dominicana –, fundamentais para a formação da consciência nacional. O nacionalismo alemão é descrito como um exemplo de outra dinâmica que pode ser relacionada à busca por autenticidade, àquela que utiliza o clamor por uma origem comum como um modo de criação de pertencimento baseado no sangue. Tais clamores encontram-se renovados hoje pela busca genealógica pelo conhecimento do DNA, aponta Lindholm.

Incluindo temáticas tão diversas como a investigação genética, o turismo aventura, a experiência nazista, a dança cubana, a comida italiana, os livros de auto-ajuda, as terapias americanas e outras mais, e percorrendo a comparação entre fenômenos tão diversos de países que abarcam quase todos os continentes do mundo, o leitor chega ao final do livro com a sensação de que a autenticidade é, verdadeiramente, um dos clamores humanos mais importantes do mundo contemporâneo. Para o leitor antropólogo, no entanto, essa sensação emerge em paralelo a um certo desconforto: a de que essa exaustiva catalogação realizada pelo autor arrisca ofuscar as possibilidades de compreensão das especificidades culturais da construção da autenticidade e das conexões específicas entre os fenômenos abordados; em suma, obscurecem a própria relação entre cultura e autenticidade, título do livro. Na conclusão, Lindholm salienta que sua ambição foi trazer uma variedade de evidências empíricas e deixá-las falarem por si mesmas. Os resultados desse objetivo são discutíveis; não obstante, o livro abre uma possibilidade de estudo e desperta a atenção para um tema que não é nada desprezível, ensejando investigações mais específicas na área.

Referências

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-24.

LINDHOLM, C. *Carisma – êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TAYLOR, C. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997.